

XI GEOSAÚDE - AMAZÔNIA, FRONTEIRAS E ESCALAS GEOGRÁFICAS NA ANÁLISE DA SAÚDE

XI GEOSAÚDE - AMAZON, BORDERS AND GEOGRAPHIC SCALES IN HEALTH ANALYSIS

Isaque dos Santos Sousa

Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7823-2093>
isousa@uea.edu.br

Natacha Cíntia Regina Aleixo

Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7021-0730>
natachaaleixo@yahoo.com.br

Eduardo Augusto Werneck Ribeiro

Instituto Federal Catarinense, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3313-6783>
eduardo.ribeiro@ifc.edu.br

O XI Simpósio Nacional de Geografia da Saúde (XI GEOSAÚDE) ocorreu de 5 a 9 de novembro de 2023 na Escola Superior de Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas (EST/UEA) em Manaus-AM. Foi promovido pelo Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional/NPUR da UEA, com a parceria de outras instituições de ensino, pesquisa e vigilância em saúde que atuam no estado do Amazonas. Essas incluem o Instituto Maria Leônidas & Maria Deane da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ/Amazônia), o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (PPGEOG/UFAM) e a Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS).

O evento abordou o tema central "Amazônia, fronteiras e escalas geográficas na análise da saúde". Conhecimentos sobre o território Amazônico, considerado um *hot spot* da sociobiodiversidade, com múltiplas fronteiras e permeado por desigualdades em saúde, foram evidenciados por discussões interdisciplinares e complexas. Essas abordaram o processo saúde-doença, as políticas públicas em saúde, as contradições entre saúde, urbanização e produção desigual do espaço, e os saberes e práticas das populações tradicionais e originárias. Dessa forma, o XI GeoSaúde ocorreu em um recorte regional reconhecido internacionalmente por seus bens naturais e culturais, um espaço das fronteiras, dos limites e das diversas possibilidades.

Manaus, que foi o epicentro da pandemia de Covid-19 no Brasil, explicitou fragilidades nos sistemas de saúde. Sua condição de metrópole, articulada em nível nacional e global, com fluxos transnacionais de capital, bens, serviços e pessoas, a colocou em evidência. As escalas geográficas apontam para a necessidade de considerar, nas análises espaciais e nos processos de saúde e doença, as distâncias topográficas e topológicas, bem como as relações socioespaciais que permitem ou dificultam o acesso aos bens e serviços, interferindo nas condições de vida e saúde das pessoas.

As mesas-redondas e eixos temáticos do evento foram compostos por pesquisadores nacionais e internacionais. Eles permitiram o avanço na análise crítica na conjuntura de saúde, não apenas do contexto amazônico, mas também da realidade brasileira e latino-americana na produção do conhecimento qualificado em Geografia da Saúde.

Os debates enfocaram os cinco eixos temáticos do evento, como a Epistemologia em Geografia da Saúde, as distintas utilizações das Geotecnologias na Análise Espacial e na Vigilância em Saúde, as Políticas de Saúde, Acessibilidades e Segurança Alimentar e Nutricional no Pós-pandemia, e a contribuição geográfica no diagnóstico dos agentes sociais e do papel do estado. Além disso, foram discutidas as relações entre o processo de Urbanização e a relação com as Vulnerabilidades e as desigualdades nas relações de Gênero na saúde individual e coletiva. Por fim, foram apresentadas as pesquisas desenvolvidas com comunidades tradicionais e povos originários, demonstrando a produção de saberes e a importância dos profundos conhecimentos dos povos com a natureza e a conexão com suas práticas em saúde.

Os Anais do Simpósio Nacional de Geografia da Saúde de 2023 contemplaram um total de 84 trabalhos completos, com a contribuição de 164 autores, de diversos estados brasileiros, como São Paulo,

Amazonas, Paraná, Ceará, Bahia e Mato Grosso. Os trabalhos, apresentados presencialmente e virtualmente, exploraram temas variados, incluindo vulnerabilidades socioambientais, desafios geográficos e tecnológicos na saúde, a relação entre geografia e promoção da saúde, e metodologias inovadoras para análises qualitativas e quantitativas.

As pesquisas destacam a importância da conectividade e tecnologia da informação na melhoria dos serviços de saúde em áreas rurais, bem como a necessidade de políticas públicas para enfrentar deficiências em infraestrutura e saneamento básico em diferentes localidades. Entre os trabalhos que refletem esta diversidade de abordagens e perspectivas no campo da geografia da saúde, selecionamos os melhores ranqueados, de acordo com as normas do evento, e apresentamos nesta edição especial da Revista Hygeia.

Explorando os impactos dos parques urbanos na saúde dos cidadãos, Anselmo César Vasconcelos Bezerra e Carlos Eduardo Menezes da Silva realizaram um estudo em Recife. Eles descobriram que a prática de atividades físicas em parques urbanos está associada a uma percepção mais positiva da saúde física.

Em outra linha de pesquisa, Arianne Tiemi Jyoboji Moraes Ito, Bruna Nathália Santos, Adeir Archanjo da Mota e Sara Santos Bernardes analisaram a mobilidade interestadual para o tratamento de câncer de pele na região centro-oeste do Brasil. Eles descobriram que a mortalidade por câncer de pele aumentou 44% em uma década, principalmente em Goiás e Mato Grosso do Sul.

Adriana Dennise Rodríguez-Blanco, Bruno Lofrano-Porto e Helen Gurgel conduziram um estudo sobre a migração por saúde nas fronteiras do Brasil. Eles descobriram que a Região Sul é a região brasileira com maior número de conexões internacionais de migração por saúde.

Carolina Russo Simon, João Pedro Pereira Caetano de Lima, Ana Silvia Sartori Barraviera Seabra Ferreira e Raul Borges Guimarães desenvolveram o projeto e-Care-Sentinela para mitigar os impactos da COVID-19 na comunidade universitária da Universidade Estadual Paulista. Eles descobriram que a equipe de Geografia teve um papel crucial na análise espacial dos atendimentos, contribuindo para o planejamento estratégico de ações preventivas.

Marine Dubos-Raoul, Jhiovanna Eduarda Braghin Ferreira, Diego da Silva Borges, Mauro Henrique Soares Silva e Mauro Henrique Soares Silva realizaram um estudo sobre a espacialização dos casos de Covid-19 em Três Lagoas-MS. Eles descobriram que o vírus atingiu primeiro os bairros onde residem classes sociais mais altas para depois se espalhar mais amplamente.

Giseli Spada, Vander Monteiro da Conceição, Maíra Rossetto, Daniel Hideki Bando e Jane Kelly Oliveira Friestino realizaram um estudo sobre a oferta de cuidados paliativos domiciliares pelo Sistema Único de Saúde no estado de Santa Catarina. Eles descobriram que a distribuição de cuidados paliativos não foi homogênea em todas as macrorregiões.

Reizane Maria Damasceno da Silva, Mariana Andreotti Dias, Vitória Rodrigues Ferreira Barbosa, Francisco Jablinski Castelhana e Weeberb João Réquia conduziram um estudo sobre a relação entre a poluição do ar e a mortalidade por Covid-19 na região Norte do Brasil. Eles descobriram que há uma associação positiva entre as mortes por Covid-19 e a poluição do ar.

Matheus Edson Rodrigues e Sergio Lins de Carvalho investigaram a espacialização da incidência de dengue em relação à vulnerabilidade socioambiental no município do Rio de Janeiro. Eles descobriram que a infraestrutura e a diferença de renda foram as principais consequências relacionadas ao grau de vulnerabilidade à luz dos casos confirmados de dengue.

Priscilla Venâncio Ikefuti analisou a associação entre a mortalidade do Infarto no Miocárdio (IAM) com valores extremos de temperatura em São Paulo. Ela descobriu que o risco relativo alto para o frio, onde o risco aumentado esteve presente nos 21 dias de defasagem após exposição.

O trabalho de Rayane Brito de Almeida e Natacha Cíntia Regina Aleixo analisaram a espacialização da incidência de malária em Manaus em relação à vulnerabilidade socioambiental urbana. Eles descobriram que os bairros que apresentaram alta vulnerabilidade socioambiental foram os mesmos que obtiveram alta incidência de malária.

O trabalho de Vitor Guilherme Lima de Souza, Samara Etelvina Rodrigues do Nascimento, Dandara Brandão Maria, Antonio Alcirley da Silva Balieiro e Fernanda Rodrigues Fonseca analisou a distribuição espaço-temporal de lesões autoprovocadas em adolescentes de 10 a 19 anos no estado do Amazonas de 2017 a 2022. Utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), o estudo identificou 1242 registros de notificações, indicando o sexo masculino como um fator de

proteção em comparação ao feminino. A raça/cor parda mostrou-se um fator de risco em comparação às outras, exceto para a raça/cor indígena, que não mostrou diferença significativa.

Em outro estudo, Willane da Silva Rodrigues, Halana Tereza Marques de Jesus Ambrósio e José Aquino Júnior realizaram uma revisão sistemática da produção científica nacional e internacional sobre temas relacionados à saúde e ao meio ambiente, com foco em situações de vulnerabilidade no território brasileiro. O estudo identificou uma disparidade científica entre regiões que pode mascarar problemas que afetam as áreas socioeconomicamente mais vulneráveis, como as regiões Nordeste e Norte do país.

Maria Eugenia Moreira Costa Ferreira e Maria das Graças de Lima apresentaram um estudo que objetivou identificar polos de ocorrência de Leishmaniose Tegumentar Americana na zona rural do Estado do Paraná. Através da análise de dados do DATASUS/SINAN de 2001 a 2015, o estudo identificou sete polos de ocorrência rural da doença no período analisado.

Sofia Lizarralde Oliver, Keila Valente de Souza de Santana e Helena Ribeiro realizaram uma revisão sistemática de literatura com o objetivo de entender a interação entre desastres naturais e saúde pública sob a perspectiva da geografia. O estudo destaca a importância da geografia na interconexão entre saúde e desastres naturais e a necessidade de mais pesquisas sobre o tema.

As pesquisas ressaltam a importância da conectividade e da tecnologia da informação para aprimorar os serviços de saúde em áreas rurais. Elas também destacam a necessidade de políticas públicas para lidar com lacunas na infraestrutura e no saneamento básico em várias localidades.

Sublinhando a importância do diálogo interdisciplinar e da procura por soluções inovadoras para promover a saúde e o bem-estar das populações em diferentes contextos territoriais, o Simpósio Nacional de Geografia da Saúde é um espaço que agrega várias perspectivas e conhecimentos. O GEOSAÚDE se destaca por este propósito para contribuir com a construção de um sistema público de saúde forte, diversificado e ativo. A diversidade dos trabalhos apresentados reflete o compromisso em promover a interdisciplinaridade e a inovação, com o objetivo de aperfeiçoar as políticas e práticas de saúde para o benefício das populações e territórios abrangidos.

Boa leitura!